



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## AMAZÔNIA: MÍDIA E ESTEREÓTIPO

Eunice Gomes da Silva<sup>1</sup>

### 1. Introdução

Os estereótipos são criados através de práticas sociais operadas cotidianamente por grupos, ditos civilizados, que ora enfatizam, ora ignoram essas diferenças, negando a identidade dos povos amazônicos e impondo suas culturas urbanizadas. Enfatizar as diferenças, tanto quanto ignorá-las e tratar igualmente os diferentes, pode estigmatizar pessoas e grupos, limitando seu direito de escolha. As identidades são múltiplas onde os sujeitos devem ter o direito de se apropriar ou descartar práticas culturais em que são apresentadas.

A Amazônia não pode ser definida por uma única história, existem questões sociais, políticas, econômicas e culturais particulares que precisam de um olhar minucioso. Não se pode permitir que a história continue a ser contada dentro de padrões pré-moldados pela colonização.

Este artigo com o tema voltado à discussão do estereótipo criado pela mídia e veiculado em rede nacional pelos diversos programas televisivos e digitais, tem o objetivo de realizar uma análise comparativa e crítica de duas reportagens exibidas na mídia brasileira sobre duas tribos indígenas no norte do país: Uma no Amapá, na qual os indígenas assimilaram parte da cultura “urbanizada” e outra que relata uma visita a uma tribo indígena no Pará, onde o apresentador do programa Caldeirão do Huck acompanhado do ex-jogador de futebol Ronaldo Fenômeno levaram uma bola de presente aos índios com a finalidade de mostrar o esporte e observar os costumes da tribo que vive isolada das regiões urbanas.

A metodologia adotada parte de um estudo qualitativo e exploratório. Como fundamentação teórico-metodológica, buscamos contribuições em estudos sobre Culturas Amazônicas e Identidade desenvolvidos por autores como Stuart Hall (1998) Márcio Souza (2015), Eduard Said (1990), entre outros. Propomos explorar a

<sup>1</sup>Mestranda em Letras na Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR – eunice.silva@unir.br



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

questão dos resíduos do imperialismo e a forma de como os “nativos” são apresentados nos meios de comunicação. Argumentamos que isso ilustra a continuidade dessa sobreposição e poder não só no conteúdo das reportagens, mas também na forma de como foram divulgadas, não só no que é dito, mas também como, por quem, onde e para quem é dito.

Pode-se perceber que o discurso nas reportagens analisadas apresentam, ainda, uma imagem estereotipada do indígena e a disseminação desse discurso pela mídia televisiva em seus diversos programas de grande audiência quereafirmam a imposição de culturas disseminando estereótipos como se a Amazônia ainda fosse um vazio demográfico, um ambiente exótico que merece ser destacado apenas por sua misteriosa, intocada e atraente natureza, sem levar em consideração o fator humano, sua cultura e diversidade.

Nossa intenção não é atenuar os fatos trágicos que fazem parte da história da colonização da Amazônia, mas queremos mostrar que aqui vive um povo que vence todos os dias os desafios e preconceitos, porém com muita garra para recontar a história que aponta para o novo, mostrando a imagem verdadeira por outro ângulo, desmontando essa história mitológica e mostrando novos caminhos e possibilidades.

Neste trabalho propomos discutir algumas questões relacionadas aos estereótipos presentes nos processos de divulgação de reportagens exibidas na rede globo de televisão e posteriormente na internet. Buscamos as possíveis formas de descolonização desta imagem pautada em uma discussão sobre a identidade indígena e reivindicação do espaço legítimo das culturas no mundo contemporâneo.

Sugerimos que há possibilidade de apresentar uma prática contra discursiva a estes olhares colonizadores e estereotipados em relação a esta região.

## 2. Descolonizando a Amazônia

Uma região vasta em cultura, com uma população de diversas origens, formada e mesclada de povos vindos de diferentes lugares, além dos nativos que



x Simpósio Linguagens e Identidades da/nas Amazônias Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

aqui vivem. O homem amazônico é um sujeito social fruto da miscigenação de etnias e culturas distintas que constroem novas e singulares formas de organização através do multiculturalismo a que estão expostos.

Falar dos povos da Amazônia requer um olhar de reconhecimento da grande diversidade cultural, ambiental e social, é preciso tomar como ponto inicial o desenvolvimento histórico da região.

Para analisar a identidade do sujeito da Amazônia atual é necessário compreender como ocorreu o processo de formação da identidade de seus habitantes. Segundo Márcio de Souza (2015):

Afastando-se os entulhos promocionais, as falácias da publicidade e a manipulação dos noticiários de acordo com os interesses econômicos, nota-se que a Amazônia vem sendo quase sempre vítima, repetidamente abatida pelas simplificações, pela esterilização de suas lutas e neutralização das vozes regionais. Sem a necessária serenidade, e visão crítica da questão a partir de um projeto de sociedade nacional, os brasileiros deixam-se levar pela perplexidade quando não sucumbem definitivamente à propaganda. (p.31).

O Brasil é formado por um conjunto de paradoxos, entre pobreza e riqueza, modernidade e arcaísmo. É necessário levar em conta também as particularidades do modelo colonial e capitalista implantado na região. De acordo com Marcio Souza em Amazônia Indígena (2015).

A Amazônia começou a morrer pelos erros da nossa civilização(...) movidos pelas necessidades econômicas da empresa colonial, instigados pela ideologia com a contrarreforma, os portugueses nos ensinaram a ver naquilo que há de mais originário, um inimigo desprezível. Sistemáticamente banida da nossa investigação artística, a cultura mais autêntica e viva da região recolheu-se para os arquivos etnográficos. O que era para ser esteio, viga mestra e estrada luminosa tornou-se curiosidade e folclore para especialistas. (p.83)

Os primeiros processos de conquista após a descoberta da Amazônia culminando na formação de suas fronteiras e na exploração de seu território por soldados, viajantes e cientistas ocorreram tanto pela motivação do conhecimento científico na Europa que vinha em processo de construção, a partir do século XVIII, como pela busca de riquezas e interesses de demarcação de fronteiras na colônia, tendo como grande diferencial a mitologia que pairava sobre a região atraindo os





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

olhares dos europeus. Os viajantes, movidos por diversos interesses se aventuravam por esta região.

Conforme Márcio de Souza (2004, p.162) “com a onda de cientistas e viajantes começam a ser fabricado o renitente mito de que a Amazônia é um vazio demográfico, uma natureza hostil, aos homens civilizados, habitada por nativos extremamente primitivos, sem vida política e cultural”.

Pesquisadores, estudiosos, e viajantes foram atraídos pelas terras descobertas na amazônica, apoiados por diversas entidades, não apenas com interesses científicos, mas também econômicos. Esses aventureiros nos séculos XVIII e especialmente no XIX, faziam levantamentos não somente em seu campo de conhecimento, mas também abordavam questões que não correspondiam a sua alçada de atuação, misturando-se estudo científico a relatos próprios baseados apenas em sua visão, impregnada de uma versão da história criada por eles para enfatizar o mito do paraíso perdido, sem considerar os grupos regionais, sua cultura e sua verdadeira identidade.

Segundo Marcio Souza (2004), o mais emblemático dos viajantes foi o filósofo norte-americano Wilian James, que aos 23 anos veio para a Amazônia acompanhando a expedição de Louis Agassiz. Numa carta a irmã Alice James, datada de 23 de agosto de 1865, Wilian faz uma descrição dos indígenas e dos costumes da região.

Enquanto estávamos neste lugar (rio Tapajós), contratamos o velho índio para pescar e caçar para nós. Ambos, ele e o filho, usando seus arcos e flechas, pegaram muitos peixes(...) Esqueci de contar como a família de índios dormia à noite – isto vai te divertir- era uma praia. Eles tinham fixado quatro estacas na areia. E, deles balançavam quatro velhas redes de palha, sendo a das duas crianças miniaturas e o bebê dormia na da mãe. No meio destas ardia uma fogueira. (p.165)

O olhar externo foi a base de construção das representações sobre a Amazônia, se propagando na história e chegando aos dias atuais. Uma história impregnada no imaginário popular quase intacta, chegando aos discursos atuais onde o indígena ainda é descrito da mesma forma com uma cultura exótica, onde os



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

olhares externos desrespeitosos se divertem, como podemos analisar na citação de Wiliam James.

A ideia de que os povos da Amazônia mantêm um modo de vida estritamente tradicional rural não deve ser considerada, tal como se vivessem de modo primitivo e parado no tempo. Suas manifestações culturais e sociais se expandem pelo espaço urbano e rural, assimilando algumas práticas e rejeitando outras. Ainda que reproduzam manifestações ditas tradicionais em suas vidas cotidianas, não se pode afirmar que esses grupos sociais não estejam inseridos em um processo de transformação cultural, levando em consideração a formação atual desses povos que receberam contribuições de diversas culturas.

Acreditamos que os indígenas têm o direito de escolher como querem conduzir suas vidas, sua cultura, preservar ou não seus costumes. Não se pode conceber a ideia de imposição cultural em um país que muito se fala em direitos à diversidade, principalmente em discursos midiáticos que detêm o poder de influenciar opiniões e até ditar regras; e ainda que essa mesma mídia tenha atitudes contraditórias com posturas preconceituosas, mesmo que veladas.

Para compreender esses grupos sociais é preciso conhecer seu cotidiano, é necessário considerar o contexto histórico no qual estão inseridos, suas manifestações e práticas culturais. Entender o modo de vida dos sujeitos indígenas que habitam a Amazônia não significa apenas descrever a riqueza dos seus recursos naturais, mas, sobretudo, compreender sua cultura e sua história.

Para Fanon (2008) "a sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa a influência humana. É pelo Homem que a sociedade chega ao ser. O prognóstico está nas mãos daqueles que quiserem sacudir as raízes contaminadas do edifício". (p.38).

Ainda de acordo com Fanon (2008):

E se a sociedade lhe cria dificuldades por causa da sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a "manter as distâncias", ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (p. 101).



x Simpósio Linguagens e Identidades da /na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Dentro dessas estruturas sociais as culturas continuam a ser vistas sempre como um lugar de resistência ou de negação; um espaço marcado por um duplo discurso, ora de exclusão, ora de imposição de quem olha e fala de fora do contexto e através de expressões de poder e dominação.

A respeito deste "atentado contra o ser", causado pelo colonialismo, pode-se perceber as marcas e consequências do preconceito contra as culturas e o sujeito que sofre a violência do desrespeito cultural. Consideramos que Fanon defende a necessidade de colocar fim a este cenário que separa, prioriza, culturas em detrimento de outras. Acreditamos na necessidade de tomada de consciência como condição para uma nova possibilidade de descolonização.

De acordo com Said, ao final, aludindo ao deslocamento da hegemonia dos países europeus à América, e mais intensamente aos Estados Unidos, enquanto potência altamente influenciadora, volta-se para as realidades intelectuais e sociais do orientalismo predominantes no "Novo Mundo". Ressurgem, ainda que de forma disfarçada, a supremacia auto - proclamada e muitos preconceitos velados. O autor deixa claro que os americanos mantêm sob constante dominação a economia do Oriente e cita o crescente consumismo dos povos orientais, que digerem os produtos da nova cultura de forma insaciável. Há uma desvalorização da própria cultura. E tais considerações ficam claras quando Edward Said (1990) afirma que:

Há todo tipo de outras indicações de como é mantida a dominação cultural, tanto por consentimento oriental quanto por pressões econômicas diretas e grosseiras por parte dos Estados Unidos. Faz-nos mais modernos descobrir, por exemplo, que, ao passo que existem dúzias de organizações nos Estados Unidos para estudar o árabe e o Oriente islâmico, não existe nenhuma no próprio Oriente para estudar os Estados Unidos, de longe a maior influência econômica e política na região. Pior, mal existem quaisquer instituições, até mesmo de estatura moderna, no Oriente devotados ao estudo do Oriente. (p.328)

Trazendo este cenário para a Amazônia, ao analisarmos o processo de descolonização proposto e discutido por Said sobre o Oriente, podemos perceber certa semelhança com os processos de colonização em que ainda vivem os povos da Amazônia, em um lugar marcado pela invisibilidade, negação cultural e estereótipo. As outras regiões do país utilizam da Amazônia como uma fonte de





x Simpósio Linguagens e Identidades da/ná Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

estudo e pesquisa, um lugar a ser desbravado enquanto que não há este estudo na Amazônia sobre as outras regiões do país que também têm muito a ser pesquisado, analisado; problemas talvez ainda maiores que os da Amazônia.

Neste processo, a história do homem na Amazônia é marcada por estereótipos que leva a visibilidade da região, apenas pelo universo exuberante da natureza, pelo paraíso natural intocado e inabitado. Diante deste cenário imaginário, adentrar ao universo identitário dos povos amazônicos permite considerar um mundo de contradição entre o olhar externo e o real vivido pelos povos amazônicos que vem construindo sua identidade e tentando destruir estereótipos criados e difundidos pela mídia brasileira.

### 3. O discurso da mídia brasileira sobre a Amazônia na atualidade

A identidade é um processo contínuo de representações que surgem dentre às diferenças constituídas pelo sentimento de pertencimento e influenciadas pelo contexto histórico-social levando em consideração o próprio discurso, compreendendo-o como algo dinâmico e constante que se relaciona a outros discursos. Desta forma é possível analisar que nesse processo de funcionamento das relações de identidade dos sujeitos, sentidos e língua são influenciados pela história e pelo contexto social em que esses sujeitos estão inseridos.

Nessa conjuntura de acesso à informação, a mídia tem o poder de influenciar e formar opiniões ditando modelos a serem seguidos. Há uma interação entre as crenças e valores dos indivíduos a partir das culturas dominantes. Podemos analisar esse fato de dominação e poder na reportagem do G1 2014 que traz como manchete: *Avanço da tecnologia em aldeia muda cotidiano de índios no Amapá*. De acordo com a reportagem a vida dos índios da aldeia Kumenê, que fica na reserva Uaçá, em Oiapoque, a 590 quilômetros de Macapá, passa por constante transformação. Apesar de isolados em meio a selva no extremo Norte do país, os indígenas da etnia Palikur sofrem cada vez mais a influência da cultura que vem de fora, segundo o próprio cacique Azarias Ioioparrá, de 50 anos, um dos costumes



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

adquiridos foi a utilização da tecnologia no dia a dia da comunidade, a exemplo do uso da TV para assistir novelas.

O indígena Jafre Ioio, de 34 anos, também tem um celular. Ele usa o aparelho para se distrair na aldeia escutando músicas evangélicas na língua materna da tribo, o dialeto palikur. “Sou evangélico e uso o celular para escutar minhas músicas. É só para isso porque aqui não temos sinal de celular”, contou Jafre Ioio.

Segundo a reportagem a aldeia Kumenê é uma das mais isoladas do Amapá. Para chegar até a comunidade, partindo da sede do município de Oiapoque, é necessário navegar 20 horas por três rios, o Oiapoque, Uaçá e Urukauá. O tempo do percurso ainda pode ser maior, dependendo da influência da maré. Em alguns pontos alagados o nível da água impossibilita o fluxo de embarcações. Mesmo diante de tantas dificuldades de acesso é possível inferir nos relatos que a mídia vê com muita naturalidade as mudanças nas culturas indígenas e que a Amazônia tem experimentado o confronto de diversas culturas, sustentados pelo ideal de avanço econômico, social e tecnológico das classes dominantes.

Ainda, de acordo com a reportagem (Amapá Notícia 2014):

Miranda Santos, de 23 anos, é indígena e professor na escola da aldeia, em Oiapoque. Ao invés do quadro e pincel, ele diz que utiliza o computador para exibir figuras que ajudam na alfabetização das crianças da tribo. Apesar de ter um notebook, Miranda Santos lamenta a falta da internet na comunidade que poderia ajudar ainda mais no ensinamento dentro da sala de aula e nas pesquisas que precisa fazer para lecionar aos alunos.

Percebe-se uma aceitação da tecnologia e conseqüentemente de novas culturas, fica claro a influência das culturas externas no modo de vida dos indígenas. Diante dos relatos é possível notar as mudanças de comportamento discursivo que passa a ser muito parecido ao da cultura urbanizada, como o uso das tecnologias como entretenimento e lazer, algo que não fazia parte da cultura indígena.

De acordo com a reportagem, apesar de alguns índios terem a tecnologia como distração, laparrá ressalta que outros jovens indígenas ainda preservam a cultura com a tradição da caça, pesca e brincadeiras. “A tecnologia é boa, mas não podemos perder nossos traços”.















x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Peço que me considerem a partir do meu Desejo. Eu não sou apenas aqui agora, enclausurado na minha coisidade. Sou para além e para outra coisa. Exijo que levem em consideração minha atividade negadora, na medida em que persigo algo além da vida imediata; na medida em que luto pelo nascimento de um mundo humano, isto é, um mundo de reconhecimentos recíprocos”. (FANON, 2008, p 181)

É necessário levar em consideração a existência, reconhecer, dar visibilidade, valorizar os povos amazônicos inseri-los verdadeiramente em um contexto de mudanças históricas e sociais. Compreender que o homem é produto das condições históricas e do meio em que este está inserido, não se pode negar que ele é, ao mesmo tempo, produtor da sua história. Nesse sentido, o indígena, deve ser compreendido e respeitado como sujeito que tem sua identidade.

É necessário firmar, reformular, recontar a história desses povos sob a ótica de quem vive aqui e finalmente apresentar uma prática contra discursiva a estes olhares colonizadores e estereotipados em relação à Amazônia. Faz-se necessário descolonizar, ouvir a voz dos grupos indígenas.

Defendemos o direito de escolha, sem imposição de culturas capitalistas. É preciso quebrar esta fronteira étnica demarcada pela sociedade capitalista, dar o direito à diferença, à especificidade de grupo que deseja ser reconhecido enquanto tal. As trocas de conhecimentos entre os povos são enriquecedoras, porém não se pode negar o direito de manutenção dos costumes e origens de cada cultura.

### **Considerações finais**

As reportagens mostram a Amazônia completamente dentro de um estereótipo de selva, o índio como se fosse um ser sem cultura e sem história o que deixa seus habitantes num desconhecimento total de sua cultura.

Podemos analisar, de acordo com a história da região, que a Amazônia só se tornou notícia quando encontraram interesses comerciais. Fora desse contexto a região não é interessante para o sistema midiático.

Nas matérias analisadas podemos perceber que a mídia incute a ideia de cultura civilizada e evoluída para aqueles que aceitam a colonização. Olha com maior naturalidade quando se trata de grupos que aderem às culturas urbanizadas o que influenciam e reforçam a ideia de estereótipo. Quanto aos indígenas que não se







x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricaas e as Áfricaas na Pan-Amazônia”

---

BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós - modernidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

SAID, Edward. **Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOUZA, Marcio. **Amazônia Indígena**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015

SOUZA, Marcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2004.

G1 globo.com. **Avanço da tecnologia em aldeia muda cotidiano de índios no Amapá**. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2014/05/avanco-da-tecnologia-em-aldeia-muda-cotidiano-de-indios-no-amapa.html>> Acesso em 12 de julho de 2016

Uol esporte. **Na esteira de Beckham, Huck leva Ronaldo para conhecer indígenas isolados**. Disponível em:

<<http://uol.esportevetv.blogosfera.uol.com.br/2014/07/12/na-esteira-de-beckham-huck-leva-ronaldo-para-conhecer-indigenas-isolados/>> Acesso em 12 de julho de 2016